

Logo de manhã, ainda virado para a parede e antes de ver por cima dos grandes cortinados da janela que tonalidade tinha a risca de luz do dia, já eu sabia como estava o tempo. Os primeiros ruídos da rua tinham-mo feito saber, consoante me chegavam amortecidos e desviados pela humidade ou vibrantes como setas na superfície retumbante e vazia de uma manhã espaçosa, glacial e pura; ao primeiro ressoar do primeiro *tramway*, já eu percebera se o dia estava enregelado na chuva ou de partida para o azul. E talvez até a esses ruídos se tivesse antecipado alguma emanção mais rápida e mais penetrante, que, insinuando-se no meu sono, nele difundisse uma tristeza anunciadora da neve ou fizesse entoar por um pequeno personagem intermitente tão numerosos cânticos à glória do Sol que estes acabavam por trazer até mim — até mim que, adormecido ainda, começava a sorrir, e cujas pálpebras fechadas se preparavam para se deslumbrar — um assombroso despertar em música. De resto, foi sobretudo a partir do meu quarto que me apercebi da vida exterior durante esse período. Sei que Bloch contou que, quando me vinha visitar à tarde, ouvia um barulho de conversa; como a minha mãe estava em Combray e nunca ia encontrar ninguém no meu quarto, concluiu que eu estava a falar sozinho. Quando, muito mais tarde, veio a saber que Albertine vivia então comigo, ao compreender que eu a escondera de toda a gente, declarou que percebia então por que motivo nessa época da minha vida eu não queria nunca sair. Estava enganado. O que era aliás facilmente desculpável, porque a própria realidade, sendo necessária, não é completamente previsível, e os que têm notícia de algum pormenor exacto da vida de outrem logo retiram daí consequências que não o são, e vêem no facto que acabam de descobrir a explicação para coisas que precisamente não têm qualquer relação com ele.

Quando penso agora que a minha amiga, ao regressarmos de Balbec, veio morar em Paris sob o mesmo tecto que eu, que renunciara à ideia de ir fazer um cruzeiro, que tinha o seu quarto a vinte passos do meu, na ponta do corredor, no gabinete do meu pai forrado a tapeçarias, e que todas as noites, muito tarde, antes de me deixar, introduzia a língua na minha boca, como um pão quotidiano, como um alimento nutritivo e com o carácter quase sagrado de toda a carne a que os sofrimentos que por causa dela sofremos acabaram por conferir uma espécie de doçura moral — aquilo de que imediatamente me lembro por comparação não é a noite que o capitão de Borodino me autorizou a passar no quartel, graças a um favor que no fim de contas apenas debelava um efémero mal-estar, mas aquela outra em que o meu pai disse à minha mãe que viesse dormir na cama pequena ao lado da minha. Assim a vida, ainda quando mais uma vez nos liberta de um sofrimento que parecia inevitável, o faz em condições diversas, e às vezes opostas, ao ponto de existir quase um sacrilégio aparente em reconhecer a graça concedida!

Quando Albertine sabia pela Françoise que, na noite do meu quarto ainda de cortinados corridos, eu não estava a dormir, não se coibia de fazer algum barulho a lavar-se na sua casa de banho. Então, muitas vezes, em lugar de esperar por uma hora mais tardia, ia eu para uma casa de banho contígua à dela e que era agradável. Dantes um director de teatro gastava centenas de milhares de francos para constelar de esmeraldas verdadeiras o trono onde a diva representava um papel de imperatriz. Os *ballets* russos ensinaram-nos que uns simples jogos de luz, dirigidos para os lugares adequados, fornecem jóias igualmente sumptuosas e mais variadas. Esta decoração já mais imaterial não é contudo tão graciosa como aquela com que às oito horas da manhã o sol substitui a outra que estávamos habituados a ver ali quando nos levantávamos só ao meio-dia. As janelas das nossas duas casas de banho, para que não pudessem ver-nos de fora, não eram lisas, mas enrugadas totalmente por uma geada artificial e fora de moda. O sol amarelecia de repente aquela musselina de vidro, doirava-a e, descobrindo docemente em mim um rapazinho anterior que o hábito por muito tempo ocultara, inebriava-me de recordações, como se estivesse em plena natureza diante da folhagem doirada onde nem sequer faltava a presença de um passarinho. Porque ouvia Albertine assobiar constantemente:

*São loucas as dores,
E mais louco ainda é quem lhes dá ouvidos.¹*

Gostava tanto dela que não podia deixar de sorrir alegremente do seu mau gosto musical. Esta canção, aliás, no Verão anterior, deixara encantada a senhora Bontemps, a qual não tardou a ouvir dizer que era uma inépcia, de modo que, em lugar de pedir a Albertine que a cantasse quando havia visitas, substituiu-a por esta:

Brota a canção de adeus das nascentes turvas

que por sua vez passou a ser «uma velha lengalenga de Massenet com que a pequena nos enche os ouvidos²».

Passava uma nuvem que eclipsava o Sol; via-o extinguir-se e reconverter numa grisalha a pudica e folhuda cortina de vidro. Os tabiques que separavam as nossas duas casas de banho (a de Albertine, completamente igual, era uma que a minha mãe, que tinha outra do lado oposto do apartamento, nunca utilizara para não me fazer barulho) eram tão delgados que podíamos falar um com o outro enquanto nos lavávamos cada um na sua, desfiando uma conversa que só era interrompida pelo ruído da água, naquela intimidade a que num hotel frequentemente obriga a exiguidade do alojamento e a proximidade dos quartos, mas que é tão rara em Paris.

Outras vezes deixava-me ficar na cama, a sonhar todo o tempo que quisesse, porque tinham ordens de nunca entrarem no meu quarto antes de eu tocar a campainha, o que, devido ao modo incómodo como fora colocada a pêra eléctrica por cima da cama, demandava tanto tempo que, cansado de tentar chegar-lhe e contente por estar sozinho, era frequente ficar alguns instantes quase readormecido. Não que fosse em absoluto indiferente à permanência de Albertine em nossa casa. A sua separação das amigas conseguia poupar novos sofrimentos ao meu coração. Conservava-o a este num repouso, numa quase imobilidade que haveriam de ajudá-lo a curar-se. Mas a verdade é que esta calma que a minha amiga me dava era, mais que alegria, alívio do sofrimento. Não quer isto dizer que não me permitisse experimentar muitas das alegrias de que a dor vivíssima me havia separado, mas essas, longe de as ficar devendo a Albertine, que aliás já não achava muito bonita e junto de quem me aborrecia, que tinha a nítida sensação de não amar, experimentava-as eu, pelo contrário, enquanto Albertine não estava ao pé de mim. Por isso, no começo da manhã, não a mandava chamar

logo, sobretudo se estava um dia bonito. Durante alguns instantes, e sabendo que ele me fazia mais feliz que ela, deixava-me ficar a sós com o pequeno personagem interior que saudava o Sol cantando, e de quem já falei. Dos personagens que compõem o nosso indivíduo, os que nos são mais essenciais não são os mais aparentes. Em mim, quando a doença acabar por atirá-los ao chão um após outro, dois ou três restarão ainda, de vida mais resistente que os outros, nomeadamente um certo filósofo que só se sente feliz quando descobre, entre duas obras, entre duas sensações, uma parte comum. Mas a mim mesmo perguntei algumas vezes se o último de todos não seria o homenzinho muito parecido com aquele outro que o oculista de Combray pusera na montra para indicar o tempo que fazia e que, tirando o capuz quando fazia sol, tornava a pô-lo se ia chover. Conheço o egoísmo desse homenzinho; posso estar a passar por uma crise de sufocações que bastaria a chegada da chuva para acalmar, mas ele não se preocupa com isso e, às primeiras gotas tão impacientemente esperadas, perdendo a sua jovialidade, de mau humor, baixa o capuz. Em compensação, acho que na minha agonia, quando todos os meus outros «eus» tiverem morrido, se acontecer brilhar um raio de sol quando estiver soltando os meus últimos suspiros, o pequeno personagem barométrico há-de sentir-se bem contente e há-de tirar o capuz e cantar: «Ah! Até que enfim, um dia bonito.»

Tocava para chamar a Françoise. Abria o *Figaro*. Procurava, e verificava que não vinha lá um artigo, ou o que supostamente o era, que eu enviara àquele jornal e que, um pouco retocada, não passava da página que recentemente encontrara e que em tempos escrevera na carruagem do doutor Percepied ao contemplar os campanários de Martinville. Depois lia a carta da minha mãe. Ela achava estranho, chocante, que houvesse uma rapariga a morar sozinha comigo. No primeiro dia, à partida de Balbec, quando me vira tão infeliz e se preocupara por me deixar só, a minha mãe sentira-se talvez feliz por saber que Albertine vinha connosco e quando viu que, juntamente com as nossas próprias malas (malas junto das quais eu passara a noite a chorar no hotel de Balbec), tinham transportado para o roncoiro as de Albertine, estreitas e negras, que me pareciam ter a forma de caixões e que eu não sabia se iriam levar lá para casa a vida ou a morte. Mas nem sequer me havia interrogado acerca disso, todo entregue que estava, naquela manhã radiosa, depois do susto de ficar em Balbec, à alegria de levar Albertine comigo. Mas, se era certo que a minha mãe não fora de início hostil àquele projecto (falando amavelmente com a minha amiga, qual mãe cujo filho acaba de ser ferido com gravidade e que está grata à jovem amante

que o trata com dedicação), viera a sê-lo quando ele se concretizou tão completamente e quando a permanência da rapariga se foi prolongando em nossa casa, e em nossa casa com os meus pais ausentes. Não posso, contudo, dizer que a minha mãe me haja manifestado alguma vez tal hostilidade. Como dantes, quando já deixara de se atrever a censurar o meu nervosismo e a minha preguiça, tinha agora escrúpulo — um escrúpulo que na altura eu não terei talvez adivinhado inteiramente, ou que não terei querido adivinhar — em arriscar-se, ao emitir algumas reservas acerca da rapariga de quem lhe dissera que ia ficar noivo, a ensombrar a minha vida, a levar-me a ser mais tarde menos dedicado à minha mulher, porventura a semear para quando já não estivesse viva o remorso de a ter desgostado ao casar com Albertine. A minha mãe preferia manter a aparência de que aprovava uma escolha da qual presentia que não conseguiria fazer-me desistir. Mas todos os que a viram nessa época me disseram que à dor de ter perdido a mãe se somava um ar de permanente preocupação. Esta contenção de espírito, este conflito interior, provocava na minha mãe um grande afogamento nas têmporas, que a fazia abrir constantemente as janelas para se refrescar. Mas não conseguia chegar a tomar uma decisão sobre o assunto, com receio de «me influenciar» num mau sentido e de estragar o que ela julgava ser a minha felicidade. Nem sequer conseguia resolver-se a impedir-me de manter provisoriamente Albertine lá em casa. Não queria mostrar-se mais severa que a senhora Bontemps, a quem o assunto sobretudo dizia respeito, e que não considerava aquilo inconveniente, o que muito surpreendia a minha mãe. Fosse como fosse, lamentava ter sido obrigada a deixar-nos a ambos sós, partindo precisamente nessa altura para Combray, onde podia ter de ficar (e de facto ficou) longos meses, durante os quais a minha tia-avó precisou dela constantemente, de dia e de noite. Tudo por lá se lhe tornou fácil graças à bondade, à dedicação de Legrandin, que, não recuando perante qualquer contrariedade, foi adiando de semana para semana o seu regresso a Paris, sem conhecer muito bem a minha tia, de início simplesmente porque ela fora amiga da mãe dele, e depois porque sentiu que à doente condenada agradavam os seus cuidados e que ela não podia passar sem ele. O snobismo é uma doença grave da alma, mas localizada, e que não a deteriora totalmente. Entretanto, eu, ao contrário da minha mãe, estava muito feliz com a sua ida para Combray, sem a qual recearia (já que não podia dizer a Albertine que a ocultasse) que viesse a descobrir a amizade desta pela menina Vinteuil. Para a minha mãe, isso teria sido um obstáculo absoluto, não apenas a um casamento acerca do qual me

pedira aliás que não falasse ainda definitivamente à minha amiga, e cuja ideia me era cada vez mais intolerável, mas até a que esta passasse algum tempo lá em casa. Salvo por uma razão tão grave, e que não conhecia, a minha mãe, devido ao efeito duplo da imitação edificante e libertadora da minha avó, admiradora de George Sand e para quem a virtude consistia na nobreza de coração, e, por outro lado, da minha própria influência corruptora, era agora indulgente para com mulheres cujo comportamento teria outrora encarado com severidade, ou mesmo hoje, se tivessem feito parte do número das suas amigas burguesas de Paris ou de Combray mas de quem eu lhes elogiasse a grande alma, e a quem muito perdoava porque muito gostavam de mim. Apesar de tudo, e mesmo sem falar da questão das conveniências, penso que Albertine teria sido insuportável para a minha mãe, que conservara de Combray, da minha tia Léonie, de todas as suas parentas, hábitos de ordem de que a minha amiga não possuía a mínima noção. Esta nunca fechava uma porta e, em contrapartida, quando uma porta estava aberta, tinha o mesmo escrúpulo de entrar de um cão ou de um gato. O seu encanto um pouco incómodo consistia assim em estar lá em casa mais como um animal doméstico do que como uma rapariga, como um animal doméstico que entra numa sala, que sai, que aparece onde menos se espera, e que vinha — o que me repousava profundamente — atirar-se para cima da minha cama, a meu lado, conquistando um lugar donde nunca mais se mexia, sem incomodar como uma pessoa incomodaria. Acabou, porém, por se acomodar às minhas horas de sono, por não tentar entrar no meu quarto, nem sequer fazer barulho, antes de eu ter tocado a campainha. Foi a Françoise que lhe impôs essas regras. Ela era daquelas criadas de Combray que sabem quanto vale o patrão e que o mínimo que lhes cumpre é conseguir que lhe seja dado tudo o que lhe é devido. Quando uma visita de fora dava uma gorjeta à Françoise para a partilhar com a moça da cozinha, ainda o doador não tivera tempo de entregar a moeda e já a Françoise, com uma rapidez, uma discrição e uma energia inalteráveis, passara a lição à moça da cozinha, que vinha agradecer, não por meias palavras, mas com franqueza e em voz alta, como a Françoise lhe dissera que devia fazer. O prior de Combray não era um génio, mas também ele sabia o que se devia fazer. Sob a sua direcção, a filha de uns primos protestantes da senhora Sazerat convertera-se ao catolicismo e a família portara-se na perfeição com ele. Pôs-se a hipótese de um casamento com um nobre de Méséglise. Os pais do rapaz escreveram a pedir informações uma carta bastante desdenhosa e onde a origem protestante era motivo de